

tempo que se ocupa a teologia da história, na qual, à luz do acontecimento central e recapitulador de Cristo (encarnado, morto e ressuscitado), se procura desvelar o sentido do tempo e do devir histórico da humanidade, a originalidade e o carácter absoluto do facto cristão, a harmonia dos dois Testamentos, o tempo da Igreja, o acabamento do homem na história, a esperança cristã e o destino último da criação. Em duas palavras, ela encontra em Jesus Cristo o coração e o fim de tudo o que existe no tempo. E, com isso, se conjugam harmonicamente a ideia linear do tempo e da história e uma ideia concêntrica dos mesmos.

Philippe Dockwiler, dominicano, doutor em teologia e professor, ao mesmo tempo, na Faculdade de Letras e na Faculdade de Teologia de Lyon, encontra-se em boas condições para estudar e apresentar esta temática a partir do modo como fora já tratada por Hans Urs von Balthasar. Com efeito, este serviu-se da categoria literária do teatro para a sua própria compreensão do mistério do tempo e da história à luz do acontecimento de Cristo. Fê-lo através da ideia-chave de uma *dramática divina*, em que a história é vista como um teatro (divino), com a entrada em cena de actores e figurantes e em cuja totalidade há razões para distinguirmos um tempo antes e um tempo depois de Cristo, ao mesmo tempo que tudo gravita em torno de um centro que é o mesmo Cristo.

O livro está dividido em três partes. Na primeira – «De l’histoire à la scène du monde» – um primeiro capítulo é dedicado ao estudo de von Balthasar sobre Gregório de Nissa, sob o signo da «filologia», seguindo-se outro sobre a sua interpretação de Karl Barth, sob a óptica de uma dialéctica teológica, e um terceiro sobre a ideia de uma cristologia dramática. A segunda parte é intitulada «La scène du

monde. Refigurations théâtrales du temps et de l’histoire», com particular incidência na análise e interpretação de duas obras dramáticas de dois grandes autores: *El gran teatro del mundo* (Calderón de la Barca), na versão original de Balthasar *Das grosse Welttheater*, e *Le soulier de satin / Der seidene Schuh* (C Claudel), e com um excuro a tentar responder à questão «Teatro na Bíblia?». Na terceira e última parte – «Herméneutique biblique dramatique et interprétation de la temporalité» – são apresentadas algumas cenas do NT em registo literário dramático (caso da descrição do fim dos tempos nos evangelhos e no Apocalipse), com as suas refigurações cénicas – note-se a presença da categoria ricoeuriana da «refiguração» – do espaço e do tempo. Termina com considerações sobre alguns mais relevantes elementos teológicos de uma interpretação da temporalidade tais como são vistos por Balthasar e relidos pelo autor deste livro: o tempo da salvação; o tempo e a vida trinitária; tempo, história e Igreja; a história do mundo na comunhão dos santos.

O livro, que tem a aparência de uma tese de doutoramento, está bem servido por uma bibliografia final: obras de Balthasar; estudos sobre o mesmo; e bibliografia geral. E oferece ainda um índice de nomes.

JORGE COUTINHO

MENDOZA-ÁLVAREZ, **Deus absconditus. Désir, mémoire et imagination eschatologique. Essai de théologie fondamentale postmoderne**, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 312 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-07663-0.

O autor deste livro procura nele compreender a situação actual da questão de

Deus e da religião e, na sequência disso, propõe uma interpretação original face às aporias das duas principais correntes de teologia fundamental pós-moderna: a do seu arranjo com o niilismo e a que propõe o regresso ao fundamento. Diante dele está o típico homem pós-moderno, ao mesmo tempo débil e em demanda de uma ética e de uma mística. E é com ele que propõe um verdadeiro diálogo por parte da teologia fundamental.

A trilogia desejo, memória e imaginação escatológica servem a sua proposta à maneira de palavras-chave que orientam a totalidade do discurso. Entre subjectivismo moderno e objectivismo clássico (fugindo à heideggeriana acusação de ontoteologia), surge assim a possibilidade de dizer Deus de outro modo, levinasianamente *au-delà de l'essence* e aquém da vulnerabilidade. No plano mais propriamente da religião, sem nostalgia de um regresso da cristandade e superando o niilismo arreligioso, Mendoza-Álvarez coloca o leitor «no caminho da descoberta da condição humana sob o signo do dom e da gratuidade como experiência possível do mistério do Amor sem medida nem condição, que se revela como fonte de vida e de compaixão e como memória das vítimas no meio dos escombros da história».

Escrito em cinco capítulos, este texto revisita alguns temas hoje recorrentes e alguns deles nucleares da teologia fundamental e da fenomenologia da religião. Assim, o primeiro capítulo retoma a problemática do «regresso do religioso», com pertinente análise de coisas como o estado de alma pós-moderno, a viragem da antropologia teológica, etc. A crise das religiões institucionais é vista como um desafio para os sistemas religiosos fechados (*clos*). O que designa como o «pathos» da subjectividade pós-moderna revela, segundo o autor, uma consciência

aguda da vulnerabilidade e a presença de um sujeito «débil».

No capítulo segundo, Mendoza-Álvarez enfrenta a problemática da busca do fundamento. Aí aborda, em primeiro lugar, a crise modernista, com a sua restauração da doutrina católica, num tempo em que as ciências da religião assumiam a sua emancipação e os católicos começavam a debandar da Igreja. Em seguida, passa em revista o despertar do tomismo crítico, com o seu realismo gnoseológico e a sua proposta de uma metafísica do ser superadora da ontoteologia. Realça o lugar único da revelação cristã e informa sobre o regresso do debate doutrinal. Não deixa de dedicar um conjunto de páginas à via proposta pelo movimento da «Ortodoxia radical» (*Radical orthodoxy*).

O capítulo terceiro – «O grito do niilismo» – é trabalhado de modo original, começando pela análise do sujeito «desencantado mas imaginativo», que decide colocar a marginalidade no centro. Nele são também tratadas coisas como a relação entre a ética e a teologia bem como a descrença como abertura à fé.

O quarto capítulo é consagrado à esperança, a uma «esperança discreta», como vem expresso. A memória das vítimas dos totalitarismos do século XX é aí evocada, como denúncia da inadequação de éticas que lhes estiveram mais ou menos subjacentes, nomeadamente a de Kant e a de Hegel que pretendeu justificar a guerra. Faz depois aproveitamento das teorias de René Girard sobre a violência. O horizonte da fé é apresentado como nova inteligência do sujeito, com realce para a dimensão imaginativa e «poiética» (criadora) do perdão.

O quinto e último capítulo incide expressa e diretamente sobre o papel da teologia fundamental pós-moderna. Algumas ideias muito sugestivas e pertinentes são

aí afloradas, como as de uma necessária desconstrução de algumas teologias mal construídas, do afundamento do sujeito todo-poderoso e da verdade como acontecimento discreto. A categoria do murmúrio é explorada como pertinente no interior «de uma prática gramatical da diversidade»: do grito da vítima ao «murmúrio» de Deus. Mas há também que estar atento à «gramática da gratuidade» como capaz de tocar o limiar da Transcendência. O despertar da subjectividade extrema pode assim constituir-se como uma «fides quaerens gratuitatem».

O livro comporta ainda um Epílogo, em que o autor traz à colação coisas como o ruído da violência, o grito dos inocentes, a imaginação escatológica, a importância de recuperar para a teologia pós-moderna a linguagem apocalíptica e a redescoberta da *fides*. Um anexo dá conta de uma conversa entre o autor e René Girard, em Novembro de 2007. Com abundante bibliografia a completar o volume.

JORGE COUTINHO

LAFONT, Ghislain, **Que nous est-il permis d'espérer ?**, coll. « La nuit surveillée », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 330 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-08989-0.

Como é sabido, o título deste livro é tomado de Kant. O autor deixa de lado as outras duas preocupações fundamentais expressas por este filósofo (que posso saber? que devo fazer?) e centra-se na terceira. O tema (e problema) aqui largamente reflectido é pois o da (possível e fundamental) esperança humana, agora mais pertinente e agudo por causa da crise, grave e polifacetada, em que o mundo se encontra mergulhado.

Procurando abrir brechas de sentido e de objectivo para a esperança humana, Ghislain Lafont deu-se ao trabalho de remexer a história da filosofia e do seu diálogo e suas interferências com o cristianismo e vice-versa, desde Platão a filosofias várias dos tempos modernos, passando pelo aristotelismo assumido na Idade Média designadamente por Tomás de Aquino. Desde esperanças idealistas, voltadas para a Transcendência, passando por outras que se centram na imanência do mundo terrestre, até àquelas que, no tempo presente, se deixam prender pelo fascínio do que se convencionou chamar de «virtual», o autor-pensador desperta a nossa consciência para a alternativa do Tudo ou do Nada, hoje a inclinar-se tragicamente para a segunda destas hipóteses, com a inerente catástrofe ética, humana e cósmica.

Entre um idealismo puro, que despreza a realidade material, e o realismo materialista que nesta se concentra todo, num tempo em que Aristóteles e Tomás de Aquino estão francamente *démodés*, Ghislain Lafont ousa revisitar o pensamento de um e de outro, com o diálogo que o segundo estabeleceu sobretudo entre o primeiro e o cristianismo, para realçar de novo a ideia de um homem (e um mundo) onde a matéria não é só matéria nem o espírito é espírito puro, mas realidade compenetrada de uma e outro, servindo esta condição de um homem visto como matéria impregnada de espírito para lhe devolver a dignidade e o sentido perdidos, evitando o sentido trágico de um total niilismo com a abertura e aproximação do homem ao divino, permitindo assim uma antropologia que segue a via de um verdadeiro humanismo. Com isso são devolvidos ao mesmo homem um sentido último e razões para esperar alcançá-lo, isto é, uma verdadeira esperança.